

DEUS E PÁTRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

RED. DO

Director, Editor e Administrador — Avelino Alves Sampaio

DEUS E PATRIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense — Rua Silva Gayo, 42 a 46 — VIZEU

O EVANGELHO

Domingo da Ressurreição

N'aquelle tempo Maria Magdalena, Maria de Thiago e Salomé, compraram aromas para irem embalsamar a Jesus.

E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro, quando já o sol era nascido.

E diziam ellas entre si: Quem nos ha-de revolver a pedra da entrada do sepulcro? Porque era muito grande.

Mas, olhando, viram-na já revolvida, e, entrando no sepulcro, viram um mancebo, sentado da parte direita, vestido de roupas brancas, do que ficaram muito assustadas.

E o mancebo lhes disse: Não temaes; buscaes a Jesus Nazareno, que foi crucificado? Resuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o haviam depositado.

Ide dizer a seus discipulos e a Pedro que elle vae deante de vós esperar-vos em Galileia; lá o vereis como elle vos disse.

(Evang. de S. Marcos, cap. XVI, 1-11).

REFLEXÕES

Surrexit, non est hic. Elle resuscitou não está aqui.

Foi um verdadeiro assombro, uma enorme surpresa, para as santas mulheres quando, ao romper do dia, indo visitar o sepulcro de Jesus Christo, o acharam aberto, julgando encontra-lo fechado; e, pensando ver seu corpo, encontraram um anjo que lhes disse: «Não temaes, buscaes a Jesus Nazareno, que foi crucificado? Resuscitou, não está aqui, eis o lugar onde o haviam depositado». Foi muito grande a sua alegria ao ouvirem estas consoladoras palavras.

Exulta a santa Igreja por tão glo-

riosa resurreição, exulta a nossa Mãe, que, em tão fausto dia, exprime, de mil festivas maneiras, o seu jubilo, por resuscitar da morte o seu divino esposo, e, vendo-o triumphar do demonio, enche-se de esperança, lembrando-se que seus filhos hão de também resuscitar do peccado.

Para a nossa resurreição ser como a do Redemptor é necessario que seja, como a d'Elle, verdadeira e constante.

Terá a nossa, queridos leitores, estas duas necessarias qualidades, de verdadeira e constante? E' isto que vamos examinar para nossa consolação ou para nossa reforma.



Jesus resuscitando ao terceiro dia

Surrexit Dominus vere (S. Luc., XXIV, 34). A resurreição de Jesus foi verdadeira e d'ella ha bastantes e irrefutaveis provas.

Os soldados romanos, que estavam de guarda ao sepulcro, como reflecte Santo Agostinho, sem quererem, deram notavel testemunho, com o infeliz artificio de asseverarem que o seu corpo fôra levado do sepulcro quando estavam dormindo.

O que é certo é que os judeus da Synagoga haviam collocado sentinellas junto do tumulo de Jesus, com ordens terminantes e severas, de não deixarem aproximar ninguem.

Mas ao apontar da aurora de domingo, ouviu-se um grande abalo sub-

terrâneo e a grande pedra que tapava a entrada da sepultura, deslocou-se e os soldados, assustados pelo extraordinario acontecimento, cahiram por terra. Logo que recobram um pouco de forças, dirigiram-se apressadamente á cidade, annunciando aos principes dos sacerdotes tudo quanto se passara...

Jesus pelo espaço de quarenta dias appareceu a Magdalena, a Pedro, a Thiago, a João, aos Apostolos, aos discipulos, na Galileia, no castello de Emmaus, no mar de Tiberiades e antes de subir ao céu se mostrou a mais de quinhentos discipulos.

Jesus Christo para tirar todas as duvidas a respeito de seu corpo resuscitado, estando os Apostolos reunidos no Cenaculo, com as portas fechadas, surgiu entre elles, dizendo: A paz seja comvosco, não vos perturbeis, eu sou aquelle mesmo que estive comvosco. Certificae-vos, eis as minhas mãos, eis os meus pés, eis o meu lado. Se duvidaes, apalpe o meu corpo reanimado.

E para vencer a incredulidade de Thomé e firma-lo na fé da sua resurreição, lhe diz: Vem, toca com os dedos as chagas das minhas mãos e dos meus pés também trespassados por agudos cravos, toca a abertura do meu peito que aguda lança farpou.

Os Apostolos a annunciam em Jerusalem, na Judeia, na Samaria e a prégam em todo o universo; com milagres estupendos a confirmam e com o proprio sangue a comprovam.

A resurreição d'um peccador, embora não possa possuir tão brilhantes provas de verdade, pelo menos deve ter certa semelhança e conformidade com a do Salvador.

Vós, queridos leitores, cumpristes, no presente anno, aproximando-vos do tribunal da penitencia e sagrada meza eucharística, o preceito paschal, resuscitando verdadeiramente do peccado para a graça?

Observemos com cuidado as nossas mãos, pés e coração, e vejamos se estamos verdadeiramente resuscitados.

Olhem as mãos. Retéem ellas injustamente o que pertence ao nosso

proximo? Continuam ellas a opprimo o humilde, a-lesar o proximo de qual-quer maneira, alterando os pesos e medidas, despojando os pobres, falsificando documentos, distribuindo panfletos infamantes e subversivos?

Olhem os pés. Continuam a mover-se, com prazer, para casas suspeitas e de ruim conversação; para a taberna, arruinando a saúde, dissipando o pão da nossa familia, proporcionando aos nossos filhos o mau exemplo, frequentando as occasiões perigosas e os lugares de maldicencia e calúnia?

Consultado o coração, vejamos finalmente se se conserva soberbo, corrompido pela luxuria, odio e inveja, possuido da avareza.

E procedendo assim, verifiquemos se foi só aos olhos do mundo, para satisfazer as apparencias e sem attendermos ás precisas disposições, que nos chegámos ao tribunal da penitencia e sagrada meza, ficando impénitentes.

Devemos saber que a pelle da ovelha esconde, mas não faz mudar o lobo e que a verdadeira resurreição consiste n'uma total mudança de vida, de vontade, de pensamentos, de affectos, de acções e de costumes.

II

Christus resurgens ex mortuis jam non moritur; mors ultra non erit (Ad Rom. VI, 9). Christo resurgiu da morte, diz o Apóstolo, e á morte não fica mais sujeito. Christo resuscitou para nunca mais morrer.

Aqui temos o modelo da nossa resurreição. Como a tornaremos constante? E' fazer pela alma o que costumamos fazer pelo corpo.

Para restabelecer a saúde perdida, não fugimos a sacrificios de especie alguma. Ora sendo a vida material transitoria e de pouca duração e a da alma eterna, será demais o que faremos por esta, curando d'ella como cuidamos da do corpo?

Com a comida se mantém a vida do corpo; só com alimento proprio se conserva a vida da alma.

O alimento da alma é a palavra de Deus ouvida dos pulpitos, lida nos livros santos; é a oração mental e vocal, com a qual se obtém o pão de cada dia, o pão da divina graça; é a Sagrada Communhão Eucharística, recebida com pureza e frequência.

Como o corpo, está a alma sujeita a enfermidades.

Para a conservação da vida do corpo, é preciso defender-nos do rigor das estações, do frio e do calor excessivo, da furia dos ventos e dos ares infectos,

Para se manter a vida da alma é indispensavel livrar-nos do ar corrompido que se respira nas casas, onde se representam as seductoras pinturas do vicio, as criminosas intrigas das paixões; resistir ás tentações, reformar a vida ociosa, reparar a falta de cumprimento dos nossos deveres; abandonar a leitura das monstruosas composições litterarias, do jornal impio que quotidianamente nos arrasta para a dissolução e para o esquecimento das doutrinas religiosas.

Se assim procedermos, está-nos garantida uma resurreição verdadeira e constante, e, como Jesus Christo, triumphamos

remos da morte, do peccado e do inferno.

Que assim seja, é o que desejamos a todos, n'este festivo dia de Paschoa, e aos leitores d'este pequeno semanario, cordeas saudações de boas festas. Alleluia! Alleluia! Alleluia!

Junto ao Sacrario

—Que fazes, no sacrario, ó Redemptor,
Que fazes Tu, ahí?
—Preso fiquei de amor por teu amor;
Estou preso por ti.

Ninguém, como Eu, te quer nem te estremece,
Como Eu, sempre, te quize.
E esse peito, que Eu amo, só me esquece,
Para ser infeliz.

Dá-me o teu coração, ó pobrezinha,
Tão debil e faminto;
E a tua alma será mais que rainha.
Verás que não Te mintos.

Eu sou a tua luz, a única luz,
Eu sou o teu remédio.
Sem Mim, a vida toda é uma cruz,
Cheia de engano e tedio.

Por ti, aqui, fiquei e, aqui, espero
Só para te amparar.
Mal podes calcular quanto Eu te quero,
Mal podes calcular...

Não negues teu amor ao meu affecto,
Que aos céus te leva e prende...
Dá-me o teu coração, triste e inquieto,
Que ninguém comprehende.

Se chorares, contigo chorarei,
Como ninguém chorou.
Esquece tudo e Eu tudo te darei,
Pois, só Eu, tudo sou.

P.e Francisco Sequeira.

A Igreja morreu!

Morreu a Igreja, gritava no seu tempo Juliano Apóstata; porém o *cairão* que elle disse que tinha de fabricar para o Carpinteiro de Nazareth, serviu para recolher o seu proprio cadaver sacrilego.

Morreu a Igreja, gritava Jean Jacques Rousseau; e se ainda não morren, não poderá durar vinte annos.

Passaram vinte annos, e vive ainda gloriosa... e a França, que applaudiu o impio, ainda não acabou de pagar a pena do seu peccado.

Contra a Igreja luctaram tambem os herejes; luctou Ebion que negava a divindade de Jesus Christo; Menandro, que negou a sua humanidade; depois d'elles veio Cerintho, mais tarde as seitas variadas dos gnosticos; Ario combateu a Igreja no mysterio da Santissima Trindade, e Nestorio no da Encarnação; Macedonio negando o Espirito Santo, Pelagio a graça, Lutero e Calvino o peccado original, os sacramentos e o Vigario de Jesus Christo.

Porém todos estes e milhares de outros são já pó e cinza, e a Igreja ainda está de pé. Os filhos dos perseguidores abraçaram-se a ella e a seus pés proclamaram a sua divindade.

Como se parte uma nau que vae de encontro a uma rocha, assim se partiram as espadas dos grandes; ce-garam-se os seus entendimentos, ao irem de encontro á Igreja catholica.

P.e Dianda

S. Francisco d'Assis e o lobo de Agubbio

No tempo em que S. Francisco estava na cidade de Agubbio, no condado do mesmo nome, appareceu por alli um lobo corpulento, terrivel e feroz, que não só devorava os animaes, mas até os homens, de tal maneira que tinha posto em sobresalto e grande medo todos os habitantes, porque muitas vezes chegava a rondar pela cidade, forçando-os a andar armados quando sahiam, como se fossem para a guerra, e com tudo isto não se podia defender d'elle quem só o encontrava de frente; o medo disparou em terror tal que ninguém se aventurava por fim, a sahir da cidade.

Pelo que, entrado S. Francisco de grande compaixão dos habitantes d'aquella terra, resolveu-se a sahir ao encontro do lobo, mal pesar de o despersuadirem de tal; e, fazendo sobressi o signal da santissima cruz, sahio com alguns de seus companheiros, por toda a sua confiança em Deus. Hesitando os mais em caminhar mais além, S. Francisco dirigiu-se ao lugar onde estava o lobo.

N'isto, muitas pessoas, que se tinham reunido para presenciar o milagre, viram o lobo avançar ao encontro de S. Francisco com a guela escancarada. Abeirando-se d'elle, S. Francisco fez o signal da santissima Cruz, e, chamando-o a si, d'este modo lhe fallou:

«Vem a mim, irmão lobo; da parte de Christo te ordeno que não faças mal a mim, nem a pessoa alguma».

Coisa admiravel! Mal S. Francisco tinha acabado a cruz, logo o lobo terrivel fechou a bocca, e cessou de correr; e a voz do Santo veio manso como um cordeiro, e lançou-se aos pés de S. Francisco, rojando-se.

E então S. Francisco lhe fallou assim: «Irmão lobo, graves danos, em verdade, fazes tu por estas partes, males grandes e sem conto, devastando e matando as creaturas de Deus sem sua licença; e não sómente tens trucidado e devorado as bestas, mas tens levado a tua audacia ao ponto de matar os homens, feitos á imagem de Deus; por isso digno és da força como ladrão e feaçanhudo homicida; e toda a gente clama e murmura de ti, toda esta terra te é inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, fazer pazes entre ti e esta gente.

Se não os offenderes mais, perdoad-te-hão todas as passadas offensas, e nem os homens nem os animaes te perseguirão mais».

Ditas estas palavras, o lobo com movimentos do corpo, meneios de cauda, olhares e inclinações de cabeça significou estar veloz que S. Francisco dizia e quere-lo acceitar. Então S. Francisco insistiu:

«Irmão lobo, visto agradar-te fazer e conservar esta paz, eu te prometto que durante todo o tempo de teu viver correrá o teu sustento por conta dos habitantes d'esta terra, de forma que não padeças mais fome; porque

bem o sei eu, por fome é que tu fizeste tantos males.

Mas, visto que te concedo esta graça, quero, irmão lobo, que me promettas que não farás mais mal algum, nem ás pessoas nem aos animaes. Promettes-me isto?»

E o lobo com o inclinar da cabeça fez evidente signal de que o prometia. S. Francisco continuou: «Irmão lobo, quero que me des uma garantia d'esta tua promessa para que minha fé em tua palavra seja plena». E estendendo S. Francisco a mão, o lobo levantou domesticamente uma das patas dianteiras e pousou-a na mão de Santo, dando-lhe assim signal da fé que lhe exigia. Então S. Francisco disse: «Irmão lobo, em nome de Jesus Christo te praeituo que venhas commigo, sem de nada te arzeares, para, em nome de Deus, firmarmos a paz». E o lobo obediencia-se foi com elle, a modo de manso cordeiro. O que presenciando os habitantes da cidade, ficaram sobremaneira admirados. N'um repente correu o estranho rumor por toda a cidade; e toda a gente, homens e mulheres, grandes e pequenos, moços e velhos, se atropellavam caminho da praça a vêrem o lobo com S. Francisco.

E estando todo o povo reunido, S. Francisco levantou a voz e começou de prégar, dizendo entre outras coisas, como por mal dos nossos peccados permite Deus taes casos, calamidades taes; e que muito mais perigosas são as chammas do inferno (as quaes hão de durar eternamente aos condemnados) que não é o furor d'um lobo que não pôde matar senão o corpo. Quanto não é, pois, para temer o boqueirão do inferno, quando tamanha multidão vive sebre saltada e receiosa da bocca d'um pequeno animal? Tornae-vos, carissimos, a Deus, e fazei digna penitencia de vossos peccados; e Deus vos livrará do lobo no tempo presente, e, no futuro, do fogo infernal.

Concluindo a predica, disse S. Francisco: «Ouvi, irmãos meus: o irmão lobo que aqui está deante de vós prometteu-me e fez-me fé de que faria paz convosco e de que vos não offenderia mais em coisa alguma; e vós deveis prometter dar-lhe todos os dias todo o necessario; por fiador da parte d'elle aqui me tendes a mim certo de que este pacto o observarás firmemente». N'este passo todo o povo a uma só voz prometten sustentalo d'alli para o futuro. E S. Francisco diante de todos disse ao lobo: «E tu, irmão lobo, promettes a este povo observar o contracto de paz, de forma que não offendas nem aos homens, nem aos animaes, nem a creatura alguma?» N'isto o lobo ajoelha-se, inclina a cabeça; e com movimentos brandos do corpo, da cauda e das orelhas significá, quanto lhe é possível, querer observar o promettido. Então S. Francisco: «Quero, irmão lobo, que assim como tu me garantiste esta promessa fóra de portas, assim aqui diante de todo o povo me des fé da tua promessa de maneira a ficar

certo de que não cahirá em mortorio a palavra que por ti dei».

Então o lobo levantando o pé direito o pousou na mão de S. Francisco.

O que fez tanta admiração e alegria em todo o povo—já pela devoção para com o Santo, já pela novidade do milagre, já pela promessa de paz feita pelo lobo—que todos desataram a bradar aos céus, louvando e bendizendo a Deus, que lhes tinha enviado S. Francisco, o qual por seus méritos os havia livrado da bocca do feroz lobo.

Este ainda viveu dois annos em Agubbio. Andava domesticamente de porta em porta sem fazer mal a ninguém, e sem que lh'o fizessem a elle.

Foi sempre generosamente sustentado por aquella gente; andando pela terra e pelas portas, nunca cão algum lhe latiu atraz.

Finalmente, ao cabo de dois annos veio a morrer de velhice; e o que os habitantes muito sentiram, porque, vendo-o andar tão manso pela cidade, recordavam-se melhor da virtude e santidade de S. Francisco.

(Da Vida de S. Francisco).

CONVERSANDO...

—Lêste o que disse o *Jornal da Tarde*, de Lisboa, acerca das selvagerias do democratico França Borges, no Asylo do Varatojo?

—Eu não; porque nem conheço tal jornal.

—O *Jornal da Tarde* é um diario de Lisboa.

—Democratico?

—Não; centrista ou sidonista.

—E que disse elle?

—E' horroroso. Ora esenta: No antigo convento do Varatojo, d'onde, em 1910, foram expulsos os frades franciscanos, seus legitimos donos, installou a Republica um recolhimento de velhinhas.

—Para mostrar que tambem tinha coração compassivo...

—E' verdade; e para convencer os ingenuos de que as congregações religiosas não faziam falta. A esse asylo deram o nome de Latino Coelho e confiaram a respectiva direcção a um tal José França Borges, democratico de gemma, irmão do fundador do *Mundo*. Lá estão internadas 70 velhinhas.

—E bem contentes, não é verdade?

—Contentissimas actualmentemente, por se vêrem livres do carrasco.

—Qual carrasco?

—O tal José França Borges.

—Então elle tratava mal as pobres velhinhas?

—*Esbofetava-as e ás vezes mandava-as vergastar com um cavallo marinho.*

—Que horror! Bater em pobres creaturas alquebradas pelos annos, pelos achaques e pela fome! Bater em pobres mulheres que não podem defender-se! Nem um selvagem!

—Mas ha mais: *A's vezes, ou na doença ou nos seus momentos de desanimo, algumas das asyldadas lembravam-se de Deus e resavam, cheias de uncção. Se o tal director via, era fatal que as tratava mal, as levava aos empurrões.*

—Que grande monstro! E esteve lá muito tempo?

—Alguns annos. Foi-lhe tirado o logar durante o governo de Pimenta de Castro; mas apenas triumphou a revolução de 14 de maio, logo o carrasco foi tomar conta do Asylo para continuar a sua obra. O governo do sr. dr. Sidonio Paes fez o que devia: dimittiu-o.

—E não o mandou processar?

—Não consta.

—Então não digas que cumpriu o seu dever. Não; esse tyrannete hão deve ficar impune. O seu crime brada aos céus. Olha que bella fraternidade! Que bella philantropia! E lembrar-se a gente do modo como nos Asylos confiados ás congregações religiosas eram tratadas creanças e velhos! Que paciencia!

—E' verdade. Mas os filhos do Diabo, vulgarmente chamados maçons, sentiam-se affrontados com a presença e com os serviços das congregações religiosas; e porisso... Zás. Puzeram-nas na rua e apanharam-lhes os haveres.

—Mal dos pobres, dos doentes, das creanças e dos velhos, que ficaram sujeitos ás selvagerias brutaes de gente sem consciencia nem humanidade, verdadeiras feras com forma humana. O caso do Varatojo é bem expressivo.

Notas ligeiras

Emquanto as auctoridades ecclesiasticas não se pronunciarem sobre o caso, devem os catholicos abster-se de organizar as associações do culto e de transformar as irmandades nas associações do culto auctorizadas pelo decreto-lei de 22 de fevereiro p. p.

No Ministerio da Guerra foi recebido um telegramma do coronel sr. Camara Pestana, felicitando sua ex.^a o ministro, pela forma brilhante por que uma bateria portugueza de artilharia pesada se desempenhou de serviço de que foi incumbida em um sector da frente franceza—bater de enfiada uma bateria inimiga. Terminada a acção, o commandante do exercito francez, em que a bateria portugueza se achava incorporada, felicitou pelo bom resultado do tiro o commandante portuguez que, com outros officiaes portuguezes de artilharia, assistiu ao combate.

Sua ex.^a o Presidente da Republica mandou felicitar as tropas portuguezas, que tomaram parte na acção, pela pericia com que se houveram na sua primeira prova de tiro da artilharia pesada.

Tambem a imprensa franceza e ingleza se tem referido ás bellas provas de valor militar que os nossos soldados téem dado em França quer na offensiva quer na defensiva.

Assim continua o nosso exercito as gloriosas tradições de sete seculos de victorias.

Deus e proteja!

Divulgaram os jornaes a noticia de que o democratico João Chagas, ex-ministro de Portugal em Paris, enviou um documento da mais alta gravidade aos membros do governo francez e ás principaes individualidades do mundo politico, parlamentar e jornalístico. Esse documento é a maior das infamias commettidas pelo bando democratico. E' um appello á intervenção estrangeira nos negócios internos de Portugal.

Bem diz o poeta: entre os portuguezes traidores houve tambem algumas vezes. Vendo-se perdidos, sentindo que lhes fugiu definitivamente o poder de que se serviram para commetter impunemente os maiores latrocinios e infamias, o desespero leva-os a usar de todos os meios, ainda os mais criminosos, para derrubar o sr. dr. Sidonio Paes. Não hesitam, sequer, em atraiçoar a patria, pedindo a intervenção das nações estrangeiras! Filhos degenerados de Portugal!

O bolso de pedras

A um blasphemo, que não achava meio de emendar-se, mandou o confessor, que, por cada blasphemia que vomitasse contra Deus, mettesse uma pedra no bolso.

Acceitou o blasphemo a penitencia e tratou de satisfazer a sua obrigação.

Mas tantas eram as pedras, que os bolsos já não resistiam.

A mulher, que todos os dias tinha de remenda-los, reprehendia o marido, que julgava que estivesse louco. A resposta é de suppôr:

«Calla-te, eu bem sei o que faço».

Como se vê, não era de satisfazer, e a mulher cada vez mais se confirmava nos seus preconceitos.

Narrava a sua infelicidade ás vizinhas, dizendo que o seu marido enlouquecera, porque todos os dias lhe trazia para casa os bolsos cheios de pedras.

Mas o que mais a preocupava era o fim de tal mysterio.

—«Quem sabe! talvez eu pague d'uma vez as que lhe tenho feito em tantos annos»...

Observou, porém, que d'ahi a pouco não trazia tantas, e que o numero das mysteriosas pedrinhas diminuia todos os dias. E refazendo-se do susto, dizia ás amigas que o seu marido se ia curando, porque trazia menos pedras.

E, com effeito, tal foi o resultado do estratagema, que o marido de louco que era, se tornou santo, pois não mais sahia de sua bocca uma palavra desagradavel.....

Blaphemo, que tantas vezes tens sido causa das dôres e angustias de tua esposa, escandalo de teus innocentes filhos e assumpto de conversa dos teus vizinhos, não precisas de romper os bolsos com pedras, basta que faças uma boa confissão, e terás a alegria do lar domestico, cuja honra e reputação depende do teu procedimento..

As nossas baixas em França

O sr. dr. José Pontes, n'um artigo publicado na «Capital», acerca do sector portuguez, faz as seguintes affirmações sobre mortos e feridos:

O registo obituario attinge o numero de 600 mortos desde o começo das operações até 31 de dezembro de 1917.

D'esses 600 mortos, 462 foram em combate: 6 officiaes, 16 sargentos e 420 praças, entre estas 9 por intoxicação de gazes; 38 por desastre em serviço: 4 officiaes, 3 sargentos e 31 praças; 111 por doença ou accidente: 4 officiaes, 5 sargentos e 102 praças.

Entre os doentes que passaram pelas ambulancias seleccionaram-se 2.037 feridos que ficaram invalidos para campanha.

D'esses 2.037 feridos foram: 1.262 em combate: 33 officiaes, 59 sargentos e 1.170 praças, entre as quaes 21 por intoxicação pelos gazes; 36 officiaes, 30 sargentos e 455 praças, sendo 254 por desastre em serviço; 18 officiaes, 9 sargentos e 225 praças.

Pela inspecção de todos esses doentes e feridos foram julgados incapazes de todo o serviço: 159 officiaes, 128 sargentos e 1.717 praças, ao todo 2.004 homens. Para o serviço activo: 50 officiaes, 72 sargentos e 114 praças, ao todo 176 homens. Aptos para serviços auxiliares: 47 sargentos e 517 praças.

No serviço de bacteriologia fizeram-se 344 analyses até 31 de dezembro de 1917.

A GUERRA

No dia 21, os allemães iniciaram poderosos ataques, n'uma frente de mais de 80 kilometros, contra as tropas inglezas. Os ataques foram executados em formações massigas e resultaram muito custosos para o inimigo, o qual soffreu perdas extremamente elevadas.

No dia 22 o inimigo continuou o ataque, empregando cerca de 40 divisões, apoiadas por numerosissima artilharia. A lucta foi renhidissima e de parte a parte, as baixas numerosissimas. Os allemães conseguiram entrar n'algumas trincheiras inglezas.

Suppõe-se que seja este o principio da grande offensiva que ha de pôr fim á guerra.

E' necessario que o educador acostume as creanças a serem submissas e obedientes, mas não tome para isso o expediente de mandar muito, mas mandando quanto convem e com modo.

O educador não deve ser um mandão. Deve e subdito ser cego no obedecer, mas não cego o educador em mandar. A prudencia, a virtude directriz da educação tem dois olhos bem abertos; a caridade e a humildade. Pelo primeiro, vê as forças, o character, as disposições animicas das creanças; pelo segundo, o modo, as maneiras, a doçura, a submissão, a energia e auctoridade de que deve usar.

Marquez d'Arseyl.

Typho exantematico

Instrucções para se evitar a propagação

O principal agente transmissor da doença é o piolho, e a primeira condição para a sua propagação é a falta de asseio.

Dever-se-ha, portanto:

1.º—Limpar a cabeça e as partes do corpo cobertas de pêlos, com desinfectantes: pomada de pós de Jones, alcool canforado com sublimado a 1/2 por mil, petroleo ou ageraz com agua de sabão, vinagre sublimado a 1/2 por mil.

2.º—Desinfecção das roupas e pós de naftalina e enxofre, polhando-as, ou mette-las em recipiente fechado onde se queime enxofre.

3.º—Lavar as casas, bancos e locais com cal clorada, vulgarmente cloreto a 1 0/0 em agua.

4.º—Lavar o corpo amiudadamente.

4.º—Quando algum operario sinta doente, dirigir-se immediatamente a um medico ou a um hospital.

Espiritos fortes

Quantos ha hoje d'estes loucos que querem botar figura voltando as costas á Religião de seus paes?

São loucos, porque, não a tendo tido, menosprezam o que foi criado por grandes intelligencias.

E' o caso de imitar a Nosso Senhor e dizer: *Paes, perdoae-lhes, não sabem o que fazem.*

ADIVINHA POPULAR

Redondinha como um poço...
Não vae bem este começo
Que se costuma dizer
D'um irmão que eu pareço.
Sou mais garrida do que elle
E trago umas companheiras
Que logo que me eu movo
Fazem suas inferneiras.
Nunca fiz mal a ninguem
E é certo que muita gente
Quando me bate a valer
Anda risonha e contente.

Decifração do numero anterior
Meninas dos olhos.

Calendario religioso da semana

Março

Domingo de Paschoa, 31.—I surreição de Jesus.

Abril

Segunda-feira, 1.—1.ª oitava. *D* santo dispensado.

Terça-feira, 2.—2.ª oitava. *D* santo dispensado.

Quarta-feira, 3.—S. Pancrácio martyr.

Quinta-feira, 4.—Santo Isidoro arcebispo de Sevilha.

Quarto minguante ás 13 h. e 33.

Sexta-feira, 5.—S. Vicente F. rer. (Abstinencia).

(Os pobres e quem tem os Indultos dispensados da abstinencia).

Sabbado, 6.—S. Marcellino.